



Ação voluntária e experiência religiosa numa instituição espírita: investigação fenomenológica

Voluntary action and religious experience in a spiritist institution: phenomenological investigation

Yuri Elias Gaspar

Miguel Mahfoud

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Resumo

Dada a atualidade da discussão da significação do voluntariado em determinado contexto religioso, objetivamos investigar a inter-relação entre voluntariado e experiência religiosa vivida e revelada pelos sujeitos da experiência. Para tanto, selecionamos uma instituição espírita como ocasião de apreensão dessa inter-relação pois, além de compreender que o Espiritismo propõe o voluntariado de modo próprio, percebemos como a religiosidade daquelas pessoas se apresenta enquanto elas se dedicam ao trabalho voluntário. Os dados foram coletados em entrevistas semi-estruturadas e analisados fenomenologicamente. A análise indica que (1) ação voluntária é vivida como abertura à experiência religiosa: doando-se ao outro em gestos, a pessoa reconhece sua ação sustentada por presenças transcendentais e direcionada à afirmação de horizonte absoluto; (2) vivência da religiosidade ordena a compreensão da realidade, fundamentando e direcionando a ação reconhecida como dever correspondente a si. Conclui-se que realização de si é fator estruturante da mútua-constituição entre voluntariado e experiência religiosa.

Palavras-chave: psicologia fenomenológica; voluntariado; religiosidade; auto-realização

Abstract

Given the current discussion of the significance of volunteering in a specific religious context, we aimed at investigating the inter-relationship between volunteering and the religious experience, lived and revealed by the subjects that have such experience. To this end, we selected a spiritist institution as occasion for the understanding of this inter-relationship because, besides understanding that Spiritism proposes volunteerism in its own way, we realized how the religiousness of those people was presented while they engage in volunteer work. We collected data in semi-structured interviews and analyzed them phenomenologically. The analysis indicates that (1) voluntary action is experienced as an openness to religious experience: by giving themselves to the other through gestures, people recognize their actions both supported by transcendent presences and pointed to the assurance of the absolute horizon; (2) the experience of religiousness arranges the understanding of reality, basing and guiding the recognized action as a corresponding duty to oneself. We conclude that the self-fulfillment is a structural factor of mutual-constitution between volunteering and religious experience.

Keywords: phenomenological psychology, volunteering; religiosity; self actualization

Introdução

Dada a atualidade da discussão da significação do voluntariado em determinado contexto religioso, estudos acadêmicos têm se voltado para o tema partindo da realidade



brasileira.¹ Dentre tais estudos, emergem investigações que dão visibilidade a movimentos culturais que há muito propõem o voluntariado, em que se destaque o movimento espírita (cf. Cavalcanti, 1983; Giumbelli 1998; Sampaio, 2009; Stoll, 2003). Embora existam diferenças importantes no modo de interpretação da constituição do Espiritismo na realidade brasileira, é unanimidade entre os investigadores o reconhecimento da centralidade do voluntariado nesta constituição.

Tomamos como referência as propostas de Giumbelli (1998) e Sampaio (2009), que evidenciam que, não obstante a recorrente associação genérica e pejorativa ao assistencialismo, a experiência de voluntariado no âmbito da Doutrina Espírita carrega uma complexidade que lhe é própria.

Ambos os autores demonstram que tal experiência remete direta ou indiretamente à noção de caridade, um dos pilares do Espiritismo. No entanto, alertam que não é suficiente explicar o investimento espírita na assistência social somente aludindo ao compromisso doutrinário com a caridade. É preciso considerar as novas formas de envolvimento e elaboração da assistência social que vêm emergindo no contexto espírita. Trata-se de configuração emergente que ressalta a “caridade como cidadania, mas também cidadania afirmada pela caridade” (Giumbelli, 1998, p. 165).

Essa discussão ganha nova consistência ao aproximarmos da experiência de pessoas que trabalham voluntariamente numa instituição espírita. Vislumbramos nesse contexto ocasião preciosa de compreender a articulação entre voluntariado e experiência religiosa, na medida em que percebemos como a religiosidade daquelas pessoas se apresenta enquanto elas se dedicam àquele trabalho. Nesse sentido, objetivamos neste artigo investigar a inter-relação entre ação voluntária e experiência religiosa, tal como vivida e revela pelos sujeitos da experiência.

1. Referencial teórico

Encontramos na Fenomenologia de Husserl (1952/2006a, 1924/2006b, 1954/2008) e Stein (1932-33/2003, 1922/2005) o referencial teórico-metodológico capaz de nos auxiliar a investigar a experiência em sua unidade e complexidade, pois solicita um modo de olhar que parte das provocações daquilo que se manifesta – o fenômeno – tendo como meta compreendê-lo, deixando-o viver (Ales Bello, 1998, 2004). Olhar que repousa na relação que se estabelece entre o eu e o mundo, na realidade enquanto percebida por alguém (van der Leeuw, 1933/1964). Para apreender tal relação, a Fenomenologia se volta para a vivência,

¹ O presente artigo é baseado na dissertação de mestrado “Ser voluntário, ser realizado: investigação fenomenológica numa instituição espírita” (Gaspar, 2010), orientada pelo prof. Miguel Mahfoud, defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Apoio CAPES.



que se refere justamente à unidade entre ato do sujeito e fenômeno por ele apreendido (Ales Bello, 2004; van der Leeuw, 1933/1964).

1.1. Dimensões constitutivas da pessoa

Por meio da análise das vivências, Husserl identifica uma estrutura compartilhada, propriamente humana, que se configura como a base da subjetividade. Estruturalmente, somos capazes de perceber, sentir, imaginar, refletir, agir, embora o conteúdo dessas vivências possa ser variado. Apreendendo diferenciações qualitativas das vivências, a Fenomenologia reconhece três dimensões constitutivas do humano: a corpórea (corpo vivente), a psíquica (esfera do que nos acontece, vivências de reação) e a espiritual (esfera do posicionamento, vivências volitivas e intelectivas) (Ales Bello, 1998; Husserl, 1952/2006a; Stein, 1922/2005).

Constituído por dimensões diferenciadas, o ser humano é uno e único, existente como eu-no-mundo, ser de relações. Para descrevê-lo, a Fenomenologia retoma o conceito de *pessoa*, que contempla a unidade humana singular e dinâmica, capaz de abertura para dentro (autoconsciência) e para fora (esfera de relações). Estruturalmente, o ser pessoal possui um princípio formativo que lhe confere potências e limites, e permite-lhe ordenar aquilo que recebe de modo a se constituir e a intervir no mundo externo (Stein, 1932-33/2003).

1.2. Pessoa em ação

Giussani (2009) abre caminho para apreender os elementos constitutivos da pessoa ao propor como ponto de partida a observação do eu em ação (Gaspar & Mahfoud, 2009).

Ao analisar a constituição da pessoa em ato, Stein (1922/2005) destaca a radicalidade da dinâmica de motivação como capaz de desvelar as especificidades da experiência humana. É pela motivação que os atos se conectam, não automaticamente, pois o eu é o ponto de origem desse processo. Ao se voltar para o modo como os motivos se realizam na ação, Stein apreende o valor do ato livre enquanto plenamente motivado, isto é, em que o eu se expressa a partir de suas exigências radicais mobilizadas no mundo.

Wojtyla (1982) destaca ainda que é somente em ação que a pessoa se revela em sua unidade e totalidade. Toda ação contém auto-realização, embora nem toda ação realize plenamente quem age, o que explicita a centralidade de um posicionamento moral que corresponda, a um só tempo, ao núcleo da pessoa e às solicitações da realidade.

1.3. A pessoa e o mundo-da-vida

Para compreender o substrato que possibilita ao sujeito elaborar a própria experiência em mútua constituição com o mundo que o cerca, Husserl (1954/2008) formula o conceito de



mundo-da-vida: mundo histórico-cultural concreto, fundamentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores (Zilles, 1996). A um só tempo baseado na experiência pessoal e coletiva, o mundo-da-vida é “constituído por toda a bagagem de experiências vivenciais que cada ser humano possui e compartilha com o grupo ao qual pertence”, e, por isso, é o fundamento sob o qual se assentam elaborações mais complexas que se constituem como cultura (Ales Bello, 1998, p. 38).

O mundo-da-vida refere-se ao que é habitual, que nos confere segurança para nos movermos no campo da vida prática, cotidiana e, portanto, configura-se como estável e pré-reflexivo, embora possa posteriormente tornar-se objeto de reflexão (Ales Bello, 1998). Assim, cada pessoa não precisa inventar soluções novas a cada problema que surge: pode percorrer caminhos já trilhados por outros, sem se sentir sozinho e sem precisar lidar sempre com o desconhecido (Schutz cf. Wagner, 1979). Dando-lhe certezas, fornece a coragem para enfrentar o desconhecido e fazer um trabalho pessoal ao elaborar aquilo que encontra, podendo chegar até mesmo a questionar elementos do seu próprio mundo-da-vida.

1.4. Expressão pessoal e experiência religiosa

Ao se voltar para a análise do modo como se constitui a experiência propriamente humana, Giussani (2009) evidencia a possibilidade de um juízo diante do que se vive a partir de um critério imanente à estrutura originária da pessoa, chamado experiência elementar: conjunto de evidências e exigências (liberdade, justiça, beleza, felicidade, verdade, amor) constitutivas da pessoa.

Em sua dinâmica característica, a experiência elementar é um ímpeto existencial de abertura à realidade que busca nela pontos de correspondência e de realização desse ímpeto, “face interior” da pessoa (Giussani, 2009, Mahfoud, 2012). Essa abertura pessoal, fator constituinte da razão, se exprime em certas perguntas radicais e inextirpáveis da vida do eu e pedem uma resposta total. E quanto mais a razão se volta na tentativa de respondê-las, mais se evidencia a desproporção dramática entre a resposta dada e o horizonte total que a solicita (Giussani, 2009). No impacto com a realidade, a vida desperta perguntas cujas respostas estão para além da medida do homem, mas que, existencialmente, em vez de paralisá-lo, o instiga cada vez mais (Giussani, 2009; Mahfoud, 2001, 2012).

Esse dinamismo, denominado senso religioso, refere-se à “capacidade que a razão tem de exprimir a própria natureza profunda na interrogação última, *é o lócus da consciência que o homem tem da existência*” (Giussani, 2009, p. 88, grifos do autor). Isso significa que o ápice da conquista da razão consiste justamente em se abrir à totalidade dos fatores, aceitar maravilhado a provocação da realidade e perceber o sinal da Presença de um ser transcendente do qual tudo e todos dependem. Esta é a idéia de mistério. Portanto, o senso



religioso é a base da experiência religiosa, que consiste no relacionamento do eu com esta Presença misteriosa reconhecida como fonte de sentido (Giussani, 2009).

Tal definição aproxima-se das elaborações de van der Leeuw (1933/1964) sobre a estrutura interna irreduzível do fenômeno religioso. Analisando diferentes religiões, o fenomenólogo pôde identificar que todas apontam para o reconhecimento de um Poder transcendente, surpreendente e altamente solicitador. A experiência religiosa é, então, a resposta concreta que tenta realizar a busca propriamente humana por um sentido último e por um relacionamento com o Mistério que a transcende.

2. Procedimentos metodológicos

A partir da imersão na realidade de uma instituição espírita – a que chamaremos de *Casa Espírita* – de reconhecida notoriedade dentro do Movimento Espírita Mineiro e oficialmente vinculada à Federação Espírita Brasileira (FEB), selecionamos intencionalmente pessoas-referência quanto ao modo ideal de trabalhar ali, isto é, pessoas reconhecidas como modelos pelo modo como se envolvem pessoalmente e como vivenciam sua religiosidade naquele trabalho voluntário.

Coletamos os dados por meio de entrevista semi-estruturada com a proposta de privilegiar não opiniões sobre o assunto, mas a expressão da experiência (Amatuzzi, 2008). Em momentos propícios à elaboração, solicitamos aos sujeitos que discorressem sobre o trabalho voluntário que realizam². Ao longo da entrevista, buscamos não induzir que os sujeitos falassem aquilo que esperávamos deles, respeitando a dinâmica de elaboração de cada um, mas com cuidado para auxiliá-los a retomarem o foco na experiência sempre que necessário (Thompson, 1992). Como forma de resguardar os sujeitos, alteramos todos os nomes próprios.

Os registros sonoros gravados foram transcritos integralmente, com cuidado para manter os estilos de linguagem de cada sujeito. Incluímos nas transcrições dados não verbais que pudessem ser reveladores da vivência dos sujeitos no momento da entrevista. Posteriormente, realizamos a textualização das transcrições com vistas a facilitar a leitura e a compreensão da experiência comunicada, com cuidado para que não fosse perdida sua vitalidade e complexidade original (Mahfoud, 2003).

2.1. Análise dos dados: método fenomenológico

A análise dos dados guiou-se pelo método fenomenológico (van der Leeuw, 1933/1964), que toma os relatos como expressão do vivido e escava a subjetividade e o mundo-da-vida. Com esse procedimento, podemos chegar à constituição mútua eu-mundo e

² A entrevista também foi acompanhada pela leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



à estrutura das vivências, como elas se organizam e se manifestam (Amatuzzi, 1996; Ales Bello, 2004).

Essa análise é viabilizada pela atitude de *epoché*, que consiste em suspender concepções prévias para voltar-se ao fenômeno buscando colher seus elementos essenciais. Tal postura crítica e antiespeculativa quer evitar sobreposição de construções categoriais ao significado do fenômeno estudado, para favorecer que emerja o que lhe é mais próprio, sua estrutura (Ales Bello, 1998, 2004; van der Leeuw, 1933/1964; Zilles, 1996).

Como procedimento de análise, realizamos leituras sucessivas do material buscando, num primeiro momento, apreender o movimento da pessoa, seu modo próprio de elaboração. Num segundo momento, procuramos compreender os dados do ponto de vista da experiência de nosso interesse, atentando para o modo como a ação voluntária e a experiência religiosa se inter-relacionam.

Como meio de apreender metodicamente a dinâmica da experiência e chegar a delimitar uma experiência-tipo a partir dos dados colhidos, tomamos como referência as diretrizes metodológicas propostas por van der Leeuw (1933/1964):

(1) Nomeação: ato de dar nome às vivências, de modo a delimitar um problema a ser investigado. (2) Inserção na própria vida: vivência consciente e metódica das ressonâncias que o fenômeno em estudo provoca no pesquisador. Não “mergulhamos” de modo inconsciente nos dados, mas sim buscamos colher com rigor o impacto das vivências do outro como indicativos de um sentido a ser apreendido. (3) Inserção entre parênteses: suspensão da faticidade e de convicções pessoais prévias para a captação do sentido e da estrutura da vivência. (4) Elucidação: clarificação das vivências contempladas, em que se estabelecem categorias que ressaltem as conexões de sentido existentes. (5) Compreensão: espécie de união ou culminância das diretrizes antecedentes, na qual “a realidade caótica, inerte, converte-se (...) em uma informação, em uma revelação” (p. 648). (6) Retificação contínua: correção das compreensões alcançadas a partir do confronto com outros materiais. (7) Reconstrução da experiência vivida pelo sujeito visando a sua apresentação a terceiros de modo a possibilitar o acesso à compreensão da vivência alcançada.

3. Resultados

3.1. Olívia

Manhã de sábado. O café da manhã é servido no refeitório às pessoas menos-favorecidas, os assistidos, que procuram a *Casa Espírita* em busca de assistência social. Já os voluntários que trabalham na *Casa Espírita* são conhecidos como tarefeiros. Alguns destes organizam-se para distribuir o café, o leite achocolatado, o pão com manteiga. Continuando em frente, saímos do refeitório e adentramos outro ambiente: cerca de vinte tarefeiros



vestidos com jaleco branco, touca, bocal e luvas debruçam-se sobre vasilhas picando frutas. Ao lado, outros tarefeiros preparam uma espécie de suco que será misturado às frutas picadas num grande recipiente, com capacidade para mais de cem litros. Terminada esta primeira etapa, enquanto alguns cuidam da limpeza das vasilhas utilizadas, outros distribuem a mistura em pequenos potes. Está pronta a salada de frutas. Mais tarde, a partir das onze horas, ela será servida aos assistidos como sobremesa da sopa.

Acompanhando todo o processo, destaca-se a figura de Olívia, 54 anos, contadora aposentada e coordenadora desta tarefa. Ela não somente segue de perto a preparação da salada de frutas, verificando a quantidade precisa de cada ingrediente e o modo de distribuí-la nos potes, como recebe de braços abertos todos os tarefeiros que vão chegando, verifica quem está presente e quais são suas atividades, orienta a redistribuição de funções, solicita que todos acelerem a tarefa caso seja necessário. O modo como Olívia realiza essas atividades chama nossa atenção: são marcantes sua alegria que contagia e dita o tom de como os tarefeiros realizam a tarefa, sua afeição autêntica com cada pessoa que encontra e o gosto de cuidar de cada detalhe para que a tarefa aconteça da melhor forma.

Para tantas pessoas que encontramos na *Casa Espírita*, Olívia é a grande referência da tarefa da Salada de Frutas, não somente por ser coordenadora, mas principalmente por seu empenho em dar continuidade à tarefa e em defender a Salada nos mais variados contextos.

Ao ser indagada sobre este trabalho que realiza no sábado, Olívia nos conta de seu “carinho especial” pela Salada, destacando os percalços que enfrentou ao longo da consolidação desta tarefa.

Acontece. Igual outro dia: um dos colaboradores saiu... (...) Qualquer dinheiro para nós faz falta. Aí no mesmo dia em que eu estava falando com a Mariana chegou uma tarefeira e falou: “Olívia, eu queria colaborar, mas eu só posso dez por mês.” Então já não é vinte que eu preciso, é dez, né? Que nós [ênfase] precisamos. Falei: “mas lógico, é muito bem-vindo.” Aí chegou outro: “Olívia, posso colaborar com dez reais?” Inteirou os vinte! [risos] Eu fico feliz porque é a resposta da Espiritualidade, a resposta de Jesus para nós, certo? Porque se não fosse uma tarefa que fosse feita com amor, já tinha acabado, não ia durar tanto tempo. Quando eles dão essa resposta rápida, tipo assim: “é isso mesmo, eu estou no caminho”. Então, você faz parte desse negócio todo sabendo que está no caminho. Eu estou dando o meu melhor e a Espiritualidade está aí, concordando com a gente.

Justamente porque são as pessoas que assumem financeiramente a tarefa da Salada, colaborando com o próprio dinheiro voluntariamente, há o risco de alguém deixar de contribuir, e isso *acontece*. Quando *um dos colaboradores saiu* porque *não tinha mais condições de ajudar*, sustentar financeiramente a tarefa ficou mais difícil, uma vez que *qualquer dinheiro faz falta*. Mas, algo inesperado *acontece*: uma tarefeira quis *contribuir*, outro tarefeiro pediu para *colaborar*, e eis que *inteirou os vinte* reais necessários para continuar sustentando a tarefa. Ao se dar conta do caráter providencial deste acontecimento, isto é, quando reconhece que ele se dá segundo um desígnio que lhe é favorável, Olívia *fica feliz*, se realiza identificando neste



fato a intervenção de presenças de ordem superior, *porque é a resposta da Espiritualidade, a resposta de Jesus para nós*. Para Olívia, a rapidez com que esta resposta é dada indica que ela *está no caminho*, e o fato dela dar *o seu melhor* neste caminhar mostra que esta presença da Espiritualidade está *concordando* com ela. Sem a intervenção desta ordem, a tarefa *não ia durar tanto tempo*, porque as pessoas da Salada não dariam conta, por si mesmas, de efetivamente assumi-la. Portanto, fazer *com amor* é fazer sabendo que não é só você quem faz.

Para Olívia, é a percepção de que a Espiritualidade e Jesus estão facilitando e concordando com o caminho percorrido que direciona a ação voluntária por ela desenvolvida. Embora distintos, esses dois níveis de vivência se entrecruzam: é por trabalhar, isto é, por realizar a tarefa que Olívia pode perceber a intervenção divina providencial e, reconhecendo essa experiência religiosa como realizadora de si, ela a toma como resposta que sustenta e orienta o modo de agir voluntariamente.

E como se dá o relacionamento de Olívia com a Espiritualidade?

As vezes em que nós passamos dificuldades, a gente fala: "Paulo, você é mentor da Salada, meu filho, dá um jeito aí pra gente." (...) E ele responde em atos. A gente passava sábados com pouco para dar para as crianças, (...) a gente punha aquele pouquinho... "ô tia, eu quero mais...". E eu falava "ó, Paulo, você se vira aí, meu filho. Nós estamos aqui e está muita pouca fruta." Aí no sábado seguinte sempre a gente ganhava mais uma caixa daqui, alguém que doava algum dinheiro, entendeu? Então, ele faz bem o papel dele de mentor. [risos]

Em momentos de *dificuldade*, é a Paulo, mentor espiritual da tarefa, que Olívia recorre: *dá um jeito aí pra gente*. Para ela, o modo como Paulo responde é fazendo algo acontecer que resolva a situação, pois *ele responde em atos*. É por isso que para Olívia *ele faz bem o seu papel de mentor*. Trata-se de um relacionamento tão pessoal que Olívia tem a liberdade de pedir para ele "se virar aí" e a intimidade de chamá-lo de *meu filho*.

Fico muito feliz quando a gente mentaliza João Alberto e Paulo, eles estão juntos, né? Não é só Paulo, tem o João Alberto, e, mais que tudo, Jesus. A gente está sempre lembrando que a tarefa é para Ele. Ele falou: "o que fizeres para qualquer um dos pequeninos é para mim que fazeis".

Ao mentalizar João Alberto e Paulo, que *estão juntos* enquanto mentores da Sopa e da Salada de Frutas, atividades do departamento de Assistência Social, Olívia fica *feliz* por entrar em sintonia com a Espiritualidade. E entrar em sintonia com a Espiritualidade é entrar em sintonia, *mais que tudo*, com Jesus. Por que *mais que tudo*? No modo como Olívia toma a frase do Evangelho, é razoável entendermos que, para ela, servir salada de frutas para os assistidos é realizar *a tarefa para Ele*.

Mais uma vez, Olívia nos comunica como a vivência religiosa incide diretamente no objetivo de sua ação voluntária. Não há como desvencilhar uma da outra: no ato mesmo de trabalhar voluntariamente para os assistidos, Olívia amplia seu horizonte de observação e



compreende que está atendendo ao chamado de Jesus e, portanto, trabalhando para Ele. E Jesus é, *mais que tudo*, sentido último da tarefa que direciona o modo concreto de doar para os assistidos.

Esta compreensão ajuda Olívia a problematizar o sentido da tarefa:

Toda tarefa, a finalidade dela é essa [a reforma íntima]. (...) A gente, aqui na Casa Espírita, tenta sempre passar isso para as pessoas, que ser tarefeiro é muito mais que ser voluntário. Porque o voluntário, no conceito geral, é aquela pessoa que vai quando tem uma horinha, quando pode. Têm alguns até que são persistentes, mas se prendem à palavra "voluntário". "Eu sou voluntário." (...) Já o tarefeiro, ele tem um compromisso [ênfase] com a Casa. Ele tem um horário a cumprir (...) É um trabalho, mas para Jesus, não é para nenhum de nós. Então, o compromisso é muito grande. Não que o voluntário também não faça. Mas a gente, dentro da Casa Espírita, tem que ter muita consciência disso. (...) E... se você falta e eu falto, sempre tem alguém. Mas é pela nossa própria necessidade.

Para Olívia, tomar a *reforma íntima* como finalidade da tarefa é um ponto que diferencia a postura do tarefeiro da postura do voluntário. Enquanto o voluntário, *no seu conceito geral*, trabalha *quando pode* e faz questão de dizer que é voluntário, se auto-afirmando sob o próprio trabalho, o tarefeiro, para ser considerado como tal, precisa ter a *consciência* do compromisso assumido consigo mesmo, com a *Casa Espírita* e com o sentido último que a tarefa expressa, isto é, com *um trabalho para Jesus*. Esse compromisso assumido não significa auto-afirmação voluntarista, pois *se você falta e eu falto, sempre tem alguém*, a tarefa vai continuar. Isso significa que, para Olívia, não estão somente no indivíduo a força e o sentido da tarefa: pelo contrário, a pessoa deve trabalhar percebendo e afirmando sua participação em uma obra maior, reconhecendo que está ali pela sua *própria necessidade*. Em síntese, *ser tarefeiro é muito mais que ser voluntário*, é ser capaz de aderir a uma proposta feita por um outro com consciência dos objetivos a serem alcançados, com clareza do sentido último a ser afirmado e com comprometimento com o próprio processo de crescimento pessoal.

Para Olívia, fazer a tarefa é um dever que não elimina a possibilidade de realização que este fazer contém. A todo o momento, Olívia descreve a satisfação que a tarefa lhe traz, independente de qual seja:

Eu tenho outra tarefa na segunda, que é de Passe, que é outra gratificante, porque o passista, ele é o primeiro a receber mesmo. Então quando você sai, conclui essa tarefa, você sai altamente revigorado, sabe? Você sai com uma energia que dá vontade de abraçar o mundo! Porque você é um canal. A Espiritualidade pega energia sua, trabalha nessa energia e a passa para aquele paciente. E é por isso que você tem que ter uma entrega principalmente no dia da tarefa. (...) Aliás, toda tarefa tem que vir com o seu melhor.

Olívia se realiza na tarefa do Passe por reconhecer que é a primeira a *receber*, pois fazer esta tarefa a revigora de um modo tal que lhe *dá vontade de abraçar o mundo*. Então é *gratificante*, mas isso não significa que o foco principal seja favorecer o tarefeiro, pois o que é



característico dessa tarefa é o fato de o passista ser *canal* para que a Espiritualidade trabalhe passando *energia para aquele paciente*. Para Olívia, ser este *canal* a solicita a empenhar-se e a cuidar-se *no dia a dia* de modo a estar efetivamente disposta para que a tarefa se concretize. Reconhecendo essa sua *entrega* ao trabalhar como *passista*, Olívia apreende um critério que deve orientar todas as tarefas: *tem que vir com o seu melhor*.

Portanto, ela se realiza ao perceber que sua atividade a transforma em instrumento da Espiritualidade: ela recebe e doa energia para o outro e, nesse processo, toma para si o que recebe, vitalizando-se e sentindo-se mobilizada a agir considerando horizontes de totalidade.

E na tarefa de Visita aos Lares, em que ela também atua, não é diferente:

Na terça, eu faço Visita aos Lares, que também é gostoso. (...) A gente vai levar o Evangelho [ênfase] de Jesus para dentro da casa da pessoa. E a gente sabe que quando é pedido um passe no lar, a pessoa está com o comprometimento espiritual maior. (...) Muitas vezes não é a pessoa que está tomando o passe, ela é só um canal para dentro de casa. E nunca você está sozinho naquele ambiente, tem irmãos que estão vendo do plano espiritual e que estão tão necessitados quanto. (...) A gente faz um pequeno culto. Você vai cantar um hino para sintonizar; fazer uma oração inicial; fazer uma leitura; (...) comentar a leitura; dar o passe e encerrar. É um culto isso aí. (...) são vinte minutos em que a gente percebe a ansiedade que a pessoa fica esperando a gente, sabe? "Ah, vocês chegaram!" Então não pode nem atrasar, porque a gente sabe da ansiedade do outro. É um quadro gostoso.

Olívia enumera vários fatores envolvidos na tarefa de Visita aos Lares: o *comprometimento espiritual* da pessoa que é visitada, o fato de ela ser *um canal para dentro de casa*, a presença naquele ambiente de Espíritos desencarnados *tão necessitados quanto*; mas reafirma que a questão é *levar o Evangelho de Jesus*. Todo o conhecimento espírita e a estrutura de como se deve fazer este *pequeno culto* estão em função desse objetivo. O alcance deste objetivo, acrescido da espera de quem será visitado e do cuidado que isso desperta em Olívia, compõem para ela *um quadro gostoso*. E que gosto é esse que Olívia vivencia?

Então... é difícil, a pessoa está com uma dificuldade... mas o gostoso é perceber... Igual, um lar que a gente adentrou de uma pessoa muito chorosa. (...) E essa semana, que ela está tomando o quarto passe, é outra pessoa. O prazer... é um prazer enorme. Você fala: "pô!...". Cara, eu chego em casa (...) e falo assim: "Jesus, você me deixa [ênfase] participar disso!", sabe como? Eu vou agradecer: "Jesus, você me deixa [ênfase] participar dessa maravilha de...". Lógico que eu tenho consciência que não sou eu, não é a minha dirigente, nem a equipe. Nós fazemos parte, Ele deixa a gente fazer parte, porque... vê se Ele precisa da gente, né? Então por isso que a gente tem que ter essa cautela [ênfase] de não achar [ênfase], não é? Se achar [ênfase], não. Ele só deixa a gente participar. Para, quem sabe um dia, desenvolver a caridade real... Hoje em dia a gente ainda faz porque precisa, mas um dia a gente vai fazer com esse desprendimento com que a Espiritualidade faz, simplesmente porque ama. Não tem outro sentido a não ser esse. Então, é gratificante. Essa semana ela [está] mais centrada, mais tranqüila...



Embora envolvida em uma situação *difícil*, em que precisa lidar com pessoas em *dificuldade*, Olívia vivencia *um prazer enorme* por poder ajudar uma pessoa a sair de uma postura *chorosa*, de modo a ficar *mais centrada, mais tranqüila*. Retomando essas experiências quando *chega em casa*, ela se dá conta de que a *maravilha* desse acontecimento não está unicamente em sua mãos. Olívia tem clareza de que não é ela que faz o processo acontecer, porque sabe que nem Jesus nem a Espiritualidade precisam dela para fazer a caridade: *vê se Ele precisa da gente, né?* Olívia, a *dirigente* e a *equipe* participam dessa experiência, mas não a sustentam por si mesmos, pois é um Outro que a faz: *Ele só deixa a gente participar*. Por isso não há sentido em *se achar*. Por isso o fato dela poder participar dessa experiência *gratificante* é reconhecido como uma oportunidade concedida, despertando gratidão: *“Jesus, você me deixa participar disso!”*. Gratidão também porque tais experiências se constituem como ocasião de aprendizado e crescimento pessoal, pois, se hoje ela *ainda faz porque precisa*, sua esperança é de que a prática a conduza a *fazer com esse desprendimento com que a Espiritualidade faz*.

Em síntese, o maravilhamento diante de um acontecimento solicita Olívia a reconhecer que esta experiência lhe foi dada por Alguém. Assim, não há porque se auto-afirmar exaltando o próprio trabalho: a resposta que lhe corresponde é a gratidão por poder participar de algo que ultrapassa sua própria capacidade. Essa experiência abre horizontes que a permitem vislumbrar sua espera pela *caridade real*, espera por um dia poder agir com desprendimento, *simplesmente porque ama*. Chegar a fazer por amor: é por isso que Olívia se dedica à tarefa, porque *não tem outro sentido a não ser esse*, e gostaria que todos soubessem de quem se trata:

Tarefa é muito gostoso. Se as pessoas soubessem a força, a grandeza que é essa oportunidade... de estar junto de Jesus fazendo o que Jesus fazia, contente, caminhando lado a lado, ombro a ombro... acho que o mundo todo abraçava, cada um abraçava uma coisa para fazer.

Retomando todo seu percurso de elaboração sobre o sentido da tarefa e sobre o gosto que se vive ao realizá-la, Olívia pode expressar com convicção que *se as pessoas soubessem* o que ela sabe, *o mundo todo abraçava*. Partindo do âmbito circunscrito da sua experiência pessoal, da alegria por estar junto a uma Presença tão significativa para ela, por caminhar *ombro a ombro* com Ele e por se realizar na tarefa em Sua companhia, Olívia é capaz de dar um juízo que se abre para a humanidade inteira. Ela identifica a *força* e a *grandeza*, isto é, o valor da oportunidade oferecida pela tarefa e daí extrai a potência que o conhecimento desse valor tem de provocar o ser humano a se mover, a abraçar *uma coisa para fazer*.

Assim, tantos sentidos abertos pela tarefa, tantas possibilidades de realização e de vivência de experiências religiosas de integração com a divindade retornam ao elemento mais concreto, à ação: tudo isso é possível pelo fazer e convida a fazer. É a concretude da tarefa realizada, com esforço e cuidado, que possibilita e sustenta essa dinâmica.



3.2. Telma

No sábado pela manhã, logo após as onze horas, cresce a fila de assistidos na porta do refeitório. Crianças, suas mães e pessoas idosas têm preferência e adentram o salão enquanto os demais aguardam. Os caldeirões já foram dispostos nas cabeceiras das mesas e estão cheios de sopa fervilhante. Enquanto os assistidos são instruídos a se acomodarem nas mesas, tarefeiros executam suas respectivas funções: preparar e colocar a sopa nos caldeirões, servir a sopa nos pratos, entregá-la aos assistidos, repor a sopa para aqueles que solicitam repetição, limpar as mesas quando necessário e todo o salão ao final da tarefa. O ritmo é ditado pelo número de assistidos que receberão a refeição e, para que o processo tenha continuidade, é preciso que os pratos e talheres utilizados sejam constantemente lavados para serem reutilizados.

A “lavação dos pratos” é feita por quatro a cinco tarefeiros num espaço próximo ao refeitório. Sobre uma bancada, bacias cheias de água e produtos de limpeza são instrumento para um processo cuidadoso de lavagem. Nesse espaço, o rigor com que são cumpridas as normas de higiene é entremeado por gargalhadas. É lá que encontramos Telma, uma dona de casa de 60 anos que caminha com dificuldade e que por onde passa leva um sorriso no rosto, sendo alvo constante de brincadeiras. Suas risadas são inconfundíveis. Embora não seja coordenadora, Telma, que há trinta anos trabalha na *Casa Espírita*, é uma figura bastante conhecida e respeitada no setor de nutrição por sua simplicidade, vivacidade e trajetória de vida. Para muitos, é surpreendente que ela continue perseverando na tarefa mesmo com a saúde debilitada por problemas de articulação nos joelhos e por uma catarata progressiva, que ameaça roubar-lhe completamente a visão. É também digno de nota o fato de que ela não possui sequer o ensino fundamental completo, frequenta a Igreja Católica e que, sendo muito pobre, mora em um bairro periférico distante e por isso precisa pegar dois ônibus para chegar até a *Casa Espírita*.

Não admira que Telma seja alguém capaz de solicitar tanto os demais tarefeiros, sendo considerada referência por muitos. Vejamos o que ela mesma comunica da sua experiência na tarefa.

Yuri: Eu queria saber como é o trabalho que você faz, o que você faz aqui na Casa...

Telma: De uns tempos para cá, agora, eu estou só na sexta e no sábado. Na sexta-feira a gente vem, corta legumes, lava tudo direitinho e guarda. E cozinha o feijão... põe tudo no freezer e guarda tudo direitinho. E lava tudo, as vasilhas, tudo direitinho, seca e guarda. Isso na sexta, né?

Yuri: Vocês cortam o legume para sábado?

Telma: Corta tudo, separa, guarda o que tem que guardar na geladeira e... casca tudo, corta e lava com muito cuidado para não sair nada errado. [tom de brincadeira]



Ao iniciar o relato sobre seu trabalho, Telma enfatiza a dimensão cronológica das tarefas que realiza: *de uns tempos para cá, agora, eu estou só na sexta e no sábado*. Nessa primeira afirmação, é possível colher seu interesse em comunicar que já esteve envolvida em outras tarefas, dando a entender que está na *Casa Espírita* há algum tempo e que, comparado ao que ela já fez, o trabalho que ela realiza atualmente é pouco: *estou só na sexta e no sábado*. A ênfase nesses dois fatores, o tempo de trabalho e a quantidade de atividades realizadas, sugere-nos o valor, para Telma, do ato de fazer tarefa. Outro indício desse valor pode ser apreendido no modo como ela, ao listar suas tarefas de sexta, destaca seu empenho para que saia *tudo direitinho*. Não basta vir, separar, cortar, cozinhar, lavar, secar e guardar, é preciso realizar cada uma dessas atividades *com muito cuidado para não sair nada errado*. Descrevendo o cotidiano da tarefa, Telma ressalta seu empenho e zelo com cada alimento e objeto manuseado: *tudo é cuidado assim*.

[Hoje] *eu fico mais é na lavação no sábado. Justamente agora que eu não tenho muita força nas pernas, também não estou enxergando direito, então eu me imagino no meio do povão lá dentro, eu tenho medo de esbarrar em alguém e cair, tenho medo de tropical e cair. Então para cá eu fico mais segura. Então, de qualquer maneira, é a tarefa que está saindo. Mas se precisar de mim ali no meio do povão, é lógico que vou. Comigo não tem escolha de serviço não. Qualquer [ênfase] lugar na Casa que precisar de mim, eu vou lá. Por enquanto eu estou para cá, eu estou contente [risos]. Está tudo certo.*

Diante de sua fragilidade física e do medo daí decorrente, Telma opta por não realizar tarefas dentro do refeitório onde é servida a sopa, e por se dedicar à tarefa de *lavação*, pois lá ela se sente *mais segura*. Entretanto, mesmo diante dessas limitações, Telma faz questão de afirmar que não é essa condição que a determina, já que *a tarefa está saindo*, ela está *contente e, como conclusão, está tudo certo*. Independente de sua fragilidade ou da atividade a ser realizada, Telma reafirma o gosto por permanecer trabalhando e sua disposição para continuar: *se precisar de mim, é lógico que vou, pois comigo não tem escolha de serviço não*.

Mais uma vez, emerge o valor da ação voluntária para Telma, valor que é exacerbado seja na descrição das condições adversas, seja na afirmação da disposição por superá-las. Nessa elaboração, Telma sublinha as restrições ao mesmo tempo em que comunica seu empenho: o ponto é explicitar que ela se dedica onde for preciso. Trata-se de uma dedicação que reformula o modo como ela concebe o próprio trabalho.

[Antes], *se eu fizesse o trabalho e visse alguém ganhar alguma coisa, eu também queria. Eu achava que eu também trabalhei, então... Só que a gente, assim, no íntimo da gente, a gente ganha muito mais do que... né? Então é isso que me dá força.*

Telma reconhece que ao trabalhar ganha muito mais do que *alguma coisa*. Com o tempo, ela descobriu que fazer a tarefa lhe traz uma gratificação muito maior que qualquer recompensa material. Trabalhando, Telma acredita ter se modificado, tornando-se capaz de



não levar em consideração o que não lhe faz “bem”, em suas palavras. Sua ação voluntária abriu possibilidade de rever posicionamentos e caminhar desprendendo-se do que lhe é nocivo. Além disso, reconhecer o verdadeiro ganho, aquele que se dá no *íntimo*, lhe dá *força*. Força para quê?

Telma: Me dá força, nossa! Igual, hoje mesmo eu acordei sentindo tanta [ênfase] dor nas pernas. Falei: “ô meu Deus, eu não vou lá não, porque eu não vou dar conta.” Aí depois eu pensei: “meu Deus, é feriado. Eu vou tomar o remédio e vou!” Aí tomei o remédio, enfiei debaixo do chuveiro e estou lá: “ai, João Alberto, dá força nas minhas pernas, dá força nas minhas pernas...”. Quando eu me vi eu estava aqui! [risos] É engraçado isso, né? É muito engraçado! Eu não dou sossego para o João Alberto não, eu peço força para o João Alberto o tempo todo. Nó! Tenho fé mesmo, muito.

Yuri: E você quis vir no feriado, por quê?

Telma: Porque eu imaginei que viria pouca gente. Aí falei: “gente, deixa eu ir lá.”

A força que Telma ganha é disposição para trabalhar superando as dificuldades, disposição sustentada pela *fé*. Sofrendo com a *dor nas pernas*, ela dialoga com *Deus*, dizendo-lhe acreditar que não conseguirá realizar a tarefa: *eu não vou dar conta*. Mas a intuição de que no *feriado* poderia haver *pouca gente* trabalhando na tarefa reacende em Telma o juízo de se dedicar ao trabalho sempre que for preciso. Retomando esse ponto, as hesitações desaparecem, e Telma pode se posicionar a favor do que reconhece como mais correspondente: *eu vou tomar o remédio e vou!* Entretanto, ela sabe que cuidar do que lhe corresponde não é algo que possa fazer sozinha: por isso pede ajuda a *João Alberto*, mentor espiritual da tarefa, para sustentar sua disposição para o trabalho. O reconhecimento da resposta imediata, *quando eu me vi eu estava aqui*, é vivido com surpresa, levando-a a retomar sua *fé* em *João Alberto*, a quem ela recorre *o tempo todo*: *Eu não dou sossego para o João Alberto não*.

Telma reafirma constantemente o seu ímpeto por superar os obstáculos para permanecer se dedicando à tarefa e, neste trecho, ela nos comunica que seu empenho é sustentado por interlocutores de seu diálogo íntimo: Deus e João Alberto. Nesse sentido, a vivência religiosa de relacionamento com figuras transcendentais incide no modo como ela realiza a ação voluntária: é a elas que Telma recorre quando percebe que não consegue sustentar sozinha o seu posicionamento. Observando que adquire forças para trabalhar mesmo quando acredita que não vai dar conta, Telma compreende que é a intervenção deles que opera modificando a realidade e instigando-a a continuar.

3.3. Márcia

Num espaço próximo ao refeitório em que são servidos o café da manhã, a sopa e a salada de frutas, bebês e crianças de até quatro anos transitam no colo ou de mãos dadas com tarefeiras vestidas de aventais. O modo como as crianças saem dali, limpinhas, cheirosas,



com cabelo bem penteado e roupa impecável chama atenção de todos que as vêem e já anuncia o que elas foram fazer: tomar banho. O “Banho Infantil” é uma tarefa que acontece todos os sábados, das nove às onze e meia da manhã. Embora a tarefa aconteça há muitos anos, o local em que é realizada foi recentemente alterado: é o “Banho novo”. Em virtude da alteração do local, hoje, todo o setor da Assistência Social acompanha o trânsito de crianças e tarefeiras e são notáveis o cuidado e o carinho com que os pequenos são tratados. Aproximando-nos do local do Banho, vemos por uma vidraça que cada tarefeira cuida de uma criança em uma etapa diferente do processo: primeiro tirar a roupa, depois dar o banho propriamente dito, secar, vestir a roupa, arrumar o cabelo.

Em meio a este trabalho, destaca-se a figura alegre de Márcia, coordenadora da tarefa. Ela possui 59 anos, é atriz e produtora executiva, trabalha na *Casa Espírita* há treze anos e, há nove, começou no Banho Infantil. Sua vivacidade e a proximidade que demonstra ter com as crianças e as mães bem como o modo como orienta as colegas de trabalho indicam-nos sua centralidade na execução daquela tarefa.

Ao nos mostrar o espaço do Banho Infantil, Márcia opta por descrever cada etapa do trabalho, voltando-se para a sua experiência de modo a nos comunicar a importância do cuidado da preparação, da organização e do cuidado no desenvolvimento da tarefa.

Acompanhemos como Márcia se propõe a transmitir às mães esse cuidado:

Por exemplo, aconteceu um caso aqui muito interessante e toda vez eu cito. Tinha uma mãe que não dava banho aqui porque tinha medo. Ela falava “eu não conheço as pessoas que dão banho, não sei como é que é”. Aí eu a trouxe aqui para conhecer o Banho. Ela achou lindo: “eu vou deixar o meu neném tomar banho com vocês.” Mas a irmã dela não quis deixar: “você nem conhece, como é que você vai deixar?”. No outro sábado, eu falei para ela: “e aí?”, e ela falou: “minha irmã acha que eu não devo.” E o que aconteceu? A menina dela teve uma diarreia tão grande que sujou até a raiz do cabelo, de tanto que a menina ficou suja. Aí ela chegou com a menina aqui e falou: “gente, pelo amor de Deus, me ajuda.” Eu fui, dei banho e botamos a menina toda cheirosa, toda linda. Quando eu entreguei para a mãe, ela viu, olhou para mim e falou: “de hoje em diante, minha menina vai tomar banho aqui todos os sábados.” Essa menina... quando a gente chega lá, ela fica doida! Desde pequenininha até hoje, quando a gente chega, ela fica com os bracinhos. Eu tenho que pegá-la e ela fica o tempo todinho comigo porque sabe que vem dar banho. E se eu a devolvo para a mãe, ela não quer. O que ela quer? Tomar banho. Então, para você ver, como até mesmo os Espíritos encaminham, porque sabem que aquela criança está precisando.

Para mostrar como constrói seu relacionamento com as mães, Márcia se ancora em *um caso* que ela cita *toda vez* por considerar *muito interessante*. Diante da opção de uma mãe por não deixar sua filha tomar banho devido ao *medo* por não conhecer as tarefeiras nem o modo de realização da tarefa, Márcia se posiciona levando-a para *conhecer o Banho*. Mesmo impactada pela beleza do que viu, a mãe mantém a decisão de não deixar a filha lá, influenciada pela opinião da irmã. Mas eis que um novo fato acontece: a menina, com diarreia, suja-se muito, obrigando a mãe a recorrer à ajuda de Márcia para limpar sua filha. A



mãe, provocada pelo resultado final do trabalho, que deixou sua filha *toda cheirosa, toda linda*, reformula sua decisão: *“de hoje em diante, minha menina vai tomar banho aqui todos os sábados.”* E não foi só a mãe que gostou. A menina, quando vê Márcia, já sabe que é a hora do banho, ficando *doída* porque quer tomá-lo. Para Márcia, toda essa experiência é uma evidência da intervenção dos *Espíritos* que, neste caso, encaminharam esta criança para o banho *porque sabem que ela está precisando*.

Compreendemos que, para Márcia, este *caso é interessante* porque evidencia diversos aspectos que ela considera essenciais em sua ação voluntária no Banho Infantil: o fato de que é a reflexão sobre situações concretas por ela vivenciadas que orienta o modo de conduzir a tarefa; o valor do cuidado e do respeito no relacionamento com as mães; a experiência de maravilhamento que essa tarefa provoca em quem a conhece; a importância de, pelo trabalho, despertar o gosto e conquistar a confiança tanto das crianças quanto das mães; o reconhecimento da intervenção dos *Espíritos* em função da necessidade da pessoa.

Com relação a este último aspecto, Márcia afirma:

Porque o banho não é só um banho. Como a sopa. Os Espíritos põem dentro da sopa tudo aquilo que... Eles estão nos vendo e sabem o que a gente precisa. Então, cada assistido vai comer aquela sopa e vai ter ali dentro o que ele necessita para poder... E eu acho que o banho é assim também. A tarefaira está dando um passe na criança, e [transmitindo] o amor que elas têm pelas crianças. Aquilo faz com que aquela criança, quando está doente, melhore; a mãe, quando está com problema, melhora.

Ao comparar o banho com a sopa, entendemos que Márcia objetiva explicitar o modo de intervenção dos *Espíritos* na tarefa, ressaltando o saber que eles têm sobre *o que a pessoa precisa*. Para ela, enquanto na sopa os *Espíritos* colocam *ali dentro* o que é necessário, no banho a intervenção é via *passe*, isto é, as tarefairas são instrumentos que repassam energia para a criança. Soma-se a isso a transmissão do *amor que elas têm* e, como resultado, Márcia apreende como a ação realizada na tarefa do banho *faz com que aquela criança, quando está doente, melhore; a mãe, quando está com problema, melhora*.

É nesse sentido que *o banho não é só um banho*. Compreendemos que, na experiência de Márcia, está implícito algo a mais nessa atividade, pois sua ação é ocasião tanto de abertura para o relacionamento com presenças que transcendem o plano material, mas que intervêm material e espiritualmente em função do que é preciso, quanto de concretização do amor que o tarefairo nutre pela criança assistida. Contemplando esse processo, Márcia conclui que a comunhão desses fatores faz com que aconteçam transformações na vida dos assistidos, o que significa que, para ela, sua ação voluntária atinge horizontes mais amplos do que sua finalidade imediata.

E como Márcia lida com o reconhecimento destes horizontes presentes na tarefa?

No começo do ano, o marido de uma das mães foi assassinado. Uma das meninashas deles tomava banho aqui. E ela ficou assim... ela presenciou tudo. Sempre quando



ela chegava aqui, a gente se reunia, fazia uma oração para ela e para o pai. Porque a gente sabe que [se a pessoa] morrer naquelas circunstâncias, fica por aí. E ele era muito apegado com ela. A menina o via, sabe? Falava para a mãe: “olha o meu pai ali.” Quer dizer, não está, mas ele estava presente. Ele não queria ir embora. Então nós fizemos muita oração para eles, todas as tarefas. Toda vez lá em casa, no Culto no Lar, colocamos o nome dele. São pessoas que a gente nunca viu, não conhece, mas o nome e o endereço estão ali para orarmos.

O fato de que uma das crianças assistidas presenciou o assassinato do próprio pai provoca Márcia profundamente. De acordo com a sua compreensão calcada na Doutrina Espírita, *morrer naquelas circunstâncias* leva a pessoa a ficar *por aí*, o que justificaria o fato de que *a menina o via* e a conclusão de que *ele não queria ir embora*. A provocação vivida diante deste acontecimento e a compreensão sobre o que nele está implícito mobilizam Márcia e as demais tarefas a reformularem o modo de lidar com a menina, reunindo-se antes de recebê-la no Banho para fazer *uma oração para ela e para o pai*. Esse movimento de oração se estende para fora dos muros da instituição, pois Márcia também ora para ele em sua casa, *no Culto no Lar*.

Na forma como Márcia narra este caso e apresenta seu posicionamento a respeito, vislumbramos como, de modo semelhante ao que afirmou a respeito dos Espíritos, ela age buscando levar em consideração o que a mãe e a criança estão precisando em suas vidas. E, ao relatar que ora em sua casa por *pessoas que nunca viu*, ela indica como sua experiência religiosa contribui no modo como ela se relaciona pessoalmente com os assistidos, especialmente com as mães.

Você ter essa relação também com as mães. De ver o que a gente pode fazer para diminuir um pouco o sofrimento delas, porque não é fácil não. É uma vida muito difícil a delas. A gente, que não passa por esse tipo de coisa, acha às vezes que nem existe (...) mas acontece, e muito. E aqui a gente aprende essa lição. Aprende a agradecer a família que a gente tem, aprende a agradecer ter nascido espírita e saber da Doutrina Espírita. Porque tudo que a gente faz, a Doutrina Espírita dá uma força para a gente.

Márcia, *que não passa por esse tipo de dificuldade, acha às vezes que nem existe*, mas a convivência com as mães proporcionada pela tarefa lhe ensinou a *lição* de que é preciso reconhecer que os problemas acontecem, *e muito*, e de que é preciso fazer o que se *pode para diminuir um pouco o sofrimento delas*. Diante dessa provocação, Márcia também colhe a *lição* da gratidão: *aprende a agradecer a família que tem, aprende a agradecer ter nascido espírita e saber da Doutrina Espírita*. Gratidão pelo fato de ter uma base familiar e religiosa que *lhe dá uma força em tudo que ela faz*.

Compreendemos que, para Márcia, a experiência de trabalhar voluntariamente é ocasião de abertura para o relacionamento com o outro em toda a sua dramaticidade, isto é, nas dificuldades que ele enfrenta em sua vida e na possibilidade concreta de se posicionar pessoalmente ajudando-o a enfrentar e diminuir seus problemas. Além disso, ao se dar conta



dessa realidade, Márcia agradece por aquilo que recebeu, seja no âmbito familiar, seja no âmbito religioso, e que lhe dá sustentação e lhe impulsiona em tudo que ela faz, inclusive em sua ação voluntária.

Além disso, nas palavras de Márcia, as tarefeiras “*estão aqui aprendendo*”, ou seja, ela destaca a função de aprendizado que a tarefa do Banho Infantil possui:

Inclusive, tem uma tarefeira que está de licença, a Joana. Ela chegou aqui e falou assim: “gente, eu vim para cá para aprender a ser mãe. E eu já estou tentando ter um filho há uns três anos e não consigo. Então eu vim porque eu quero aprender como é que se cuida de uma criança, como se dá banho. Porque quando o meu vier...”. Ela ficou aqui com a gente trabalhando e um tempo depois estava grávida. A nossa mentora é a Mirian. Então a Mirian deu a... “é agora! Está na hora, ela já aprendeu.” Agora ela está de licença e veio aqui esse mês para mostrar a barriga dela para gente. Então assim, é uma tarefa que eu acho abençoada.

O aprendizado como fator constitutivo da tarefa é tão explícito para Márcia que ela faz questão de apresentar o exemplo de uma pessoa que procurou o Banho Infantil justamente *para aprender a ser mãe, aprender como é que se cuida de uma criança, como se dá banho*. Neste exemplo, a mulher que há três anos tentava *ter um filho*, ao trabalhar no Banho Infantil, *um tempo depois ficou grávida* e, já de licença, retornou para compartilhar o fato com as demais tarefeiras. Ao relatar-nos esse caso, Márcia afirma que o trabalho voluntário, além do aprendizado, proporciona também outros ganhos, pois a gravidez da tarefeira é descrita como uma bênção e sua convivência com as demais, que começou com um interesse específico, transformou-se em amizade: mesmo tendo interrompido suas atividades, ela foi ao encontro das outras tarefeiras *para mostrar a barriga*.

Em sua elaboração sobre a gravidez aparentemente improvável, mais uma vez vemos como, para Márcia, a atuação dos Espíritos incide sobre a ação voluntária. Anteriormente, compreendemos como ela descreve a ação como um canal para a atuação da Espiritualidade, bem como se descobre amparada ao agir voluntariamente em benefício daqueles que precisam. E, neste trecho, ao definir a gravidez como uma bênção recebida a partir da intervenção da *mentora Mirian*, Márcia novamente ressalta como, em sua experiência, a ação voluntária não se separa da intervenção providencial dessas presenças. Intervenção que, para ela, não prescinde do posicionamento daquele que será beneficiado: a tarefeira precisou aprender para que chegasse a sua *hora*, ou seja, precisou se empenhar para merecer aquilo que tanto almejava.

3.4. Shirley

Quinta-feira. São quase oito horas da noite. As pessoas chegam à *Casa Espírita* para a reunião pública. Enquanto algumas ficam no primeiro andar para serem atendidas, para irem à livraria ou à biblioteca, a grande maioria sobe para o segundo andar, acomodando-se



nas cadeiras do salão onde acontecerá a reunião, que está prestes a começar. No terceiro andar, onde se localiza o departamento de Evangelização, o cenário é dominado pelas crianças: enquanto algumas, tímidas, ficam encostadas na parede, outras conversam animadamente sentadas sobre uma mesa, e outras, subvertendo a ordem, ainda correm pelos corredores onde se localizam as salas de evangelização, sendo rapidamente repreendidas pelos pais e pelos evangelizadores que se encontram por perto. Muitos dizem que se trata de um verdadeiro “colégio” devido tanto à quantidade de crianças quanto à disciplina, à responsabilidade e ao trabalho que são exigidos. Adentrando a sala da coordenação, encontramos evangelizadores conversando descontraidamente sobre a vida cotidiana e, logo depois, reunindo-se em volta de uma mesa para a realização de “leitura edificante” e da prece do dia, antes de irem para as suas respectivas salas de evangelização.

É nesse ambiente que somos recebidos pela dirigente geral da Evangelização Infantil, Shirley, que nos convida para sentar à mesa de reuniões. Formada em pedagogia, trabalhou durante vinte e um anos como professora e hoje, aos 46 anos, não exerce a profissão. É a ela que as pessoas se referem quando o assunto é evangelização. Observando a dinâmica de funcionamento desse departamento, percebemos como Shirley destaca-se como referência não só pelo cargo de direção que ocupa e pelo fato de ser filha de um casal que atuou na *Casa Espírita* desde a sua fundação. É visível o quanto Shirley é querida pelos evangelizadores, que a ela recorrem para sanar dúvidas concretas, para compartilhar preocupações, conquistas e alegrias, seja a respeito do cotidiano da tarefa, seja com relação outros acontecimentos da vida. A disposição, a alegria e a seriedade com que Shirley conduz o trabalho contagia e dita o tom da conversa nesta sala de reuniões.

Ao ser questionada sobre a função da evangelização para as crianças, Shirley diz:

Uai... é divulgar mesmo os ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita às crianças que aqui vêm! Ensinar para elas desde pequenininhas os ensinamentos de Jesus, para que elas possam, ao longo da vida, da sua caminhada evolutiva, focar a sua vida nesses ensinamentos. Então a gente lança essas sementes.

Diante da pergunta pelo objetivo, a resposta emerge como pura evidência: *uai*. É tão óbvio para Shirley, está tão perto, que ela se surpreende ao explicitá-lo, *uai*. O motivo é simples no sentido de ser transparente, evidente, é *divulgar mesmo*. Entendemos que não é divulgar qualquer coisa de qualquer jeito: é divulgar *ensinamentos de Jesus* a partir das luzes lançadas pela *Doutrina Espírita*, ou seja, é apresentar às crianças conhecimentos iluminados por parâmetros precisos. É isso, simplesmente, *ensinar*. Para Shirley, este é um ensino que, ao mesmo tempo em que se propõe a *focar, lançar*; ao mesmo tempo em que é para crianças, *pequenininhas*, é para o decorrer da vida, da *caminhada evolutiva*. Nesse sentido, sua ação voluntária consiste em propor um modo educativo de responder à vida a partir de certos ensinamentos. Um modo focado, mas não fechado, pois a aposta é que estes ensinamentos



repassados sejam *sementes* lançadas no presente com consciência de sua possível fecundidade futura, ao longo da *caminhada* da vida.

Ao aprofundar os modos como se empenha nessa tarefa, Shirley recorre a elementos de sua própria história como professora para justificar o porquê desta tarefa, concluindo que, embora tenha parado de dar aulas profissionalmente, continuou com a evangelização porque "*é a missão da gente mesmo!*". O que isso significa?

Porque teve épocas que tive vontade de sair da tarefa de evangelizar, e eu falava assim "eu já dava aula, mexia com meninos e ainda tinha de noite [voz de preguiça]... e tinha que ficar e tal". Passou pela minha cabeça essa questão, sabe? E quando eu pedi uma orientação para o mentor da Casa Espírita, ele falou: "não, essa tarefa é missionária." Então assim, quando foi colocado dessa forma, aí que eu realmente senti que era uma oportunidade única que estavam me dando e que eu precisava persistir nela.

Estamos perplexos... Por que Shirley reconhece como missão a adesão a uma tarefa que vai contra a sua vontade? Que missão é essa que, proposta (outros diriam, "imposta") por um outro, é vivida como *oportunidade única*? Esta persistência na missão não seria, no fundo, alienação?

Vejam como Shirley se debruça sobre o acontecimento relatado anteriormente: "*Quando ele falou isso [que a tarefa é missionária], eu falei "nossa! Eu não posso sair né? É uma responsabilidade muito grande! Eu que assumi isso daqui perante a Espiritualidade." Então agora eu tenho que abraçar.*"

Não foi o desejo de querer fazer uma coisa diferente ou o estado de preguiça que orientou a decisão de Shirley. É verdade que *passou pela sua cabeça*, mas esse não foi o fator preponderante na sua resolução por continuar ou não naquele caminho. O fato de o caráter missionário da tarefa de evangelização ser apontado por um outro não elimina o posicionamento pessoal de Shirley. Pelo contrário, exalta-o. Foi diante da proposta do mentor de considerar a tarefa enquanto missão que Shirley sentiu *realmente* a provocação que estava contida ali, retomando a grandeza da *oportunidade* e da *responsabilidade* dessa ação voluntária. Além disso, na resposta ao anúncio recebido, Shirley afirma compreender que foi ela mesma quem assumiu *isso perante a Espiritualidade*: diante da proposta do outro, apresenta-se como resposta à consciência do eu. O chamado é assim reconhecido como dever que a convoca a *persistir* na tarefa, a continuar abraçando-a.

Ao tomar a tarefa de Evangelização enquanto missão, Shirley indica-nos que essa ação voluntária é vivida como oportunidade concreta de realização do sentido da sua vida. Trata-se de uma experiência em que, a partir de algo que é dado, apontado por um outro, emerge um posicionamento pessoal de seguir as indicações recebidas, um posicionamento que não é alienado porque se vincula ao reconhecimento desse dado como correspondente a si mesmo. Daí a responsabilidade que essa ação carrega para Shirley e o reconhecimento de dever realizá-la no mundo, realizando-se como pessoa nesse ato.



É nesse sentido que a *Espiritualidade*, para Shirley, é companhia que a ajuda a tomar nas mãos o próprio percurso. O modo como ela adere ao chamado da Espiritualidade evidenciamos a importância e a incidência que esse relacionamento tem em sua vida.

Essa compreensão continua a nos interrogar: qual a natureza desse relacionamento? Que modo é esse de responder ao chamado da Espiritualidade? Quais os desdobramentos dessa resposta em sua vida? Iniciemos do primeiro questionamento:

A Espiritualidade fica mais próxima da gente. (...) Eu não tenho vergonha de pedir, não tenho vergonha de implorar tem hora, você entendeu? Porque acaba tendo tanta intimidade que a gente não tem nem vergonha mais de ficar escondendo. Por que esconder? Esconder o quê?

Trata-se de um relacionamento pessoal, de *tanta intimidade*, que permite a Shirley se mostrar por inteiro: não existe *vergonha de pedir, de implorar*. A Espiritualidade é, portanto, reconhecida como companhia que acolhe tanto o que é pedido, implorado, quanto a própria fragilidade de quem solicita ajuda. Por isso não há sentido em *ficar escondendo*.

Compreendemos que a elaboração sobre a ação voluntária de Shirley não pode ser dissociada de sua experiência religiosa. Fazer a tarefa, para ela, é ocasião de proximidade com a Espiritualidade, reconhecida como presença que transcende o plano material (e que não deixa de ser uma companhia na experiência) que prepara, intui e ampara, convocando-a a persistir no trabalho anunciado e reconhecido como missão. Nesse sentido, apreendemos como a ação voluntária é vivida por Shirley como experiência que possibilita a conexão com o transcendente e que se configura como abertura, abraçando a totalidade da sua existência.

Diante da oportunidade concedida, Shirley é provocada a se mover, levando-nos à questão do modo como ela responde ao que lhe é proposto no relacionamento com a Espiritualidade. Acompanhemos sua elaboração:

Quando você descobre que você está com alguma coisa, quando você descobre que uma pessoa que você ama, que você gosta, está com uma coisa grave, a primeira coisa que você tem é aquele choque! Às vezes você tenta entrar no desespero, e quando você vê, começa acontecer alguma coisa que te acalma, te aserena [sic]. (...) Eu te falo assim, a sintonia com a Espiritualidade é tão grande que até o tempo de sofrimento é pequeno.

Ao vivenciar situações dramáticas, a primeira reação de Shirley é o *choque*. Se algo inesperado entra no horizonte de sua experiência, pode provocar *desespero*, mas quando *você vê*, isto é, quando Shirley abre os olhos para sintonizar-se com a Espiritualidade, um acontecimento se dá, *alguma coisa a acalma*, levando-a a refletir:

Se tiver que passar, vai passar com tranqüilidade, se tiver que sofrer alguma coisa, vai sofrer com tranqüilidade. (...) O que vai diferenciar um do outro vai ser como você vai passar, se vai ser com mais sofrimento, ou com menos sofrimento, ou com nenhum sofrimento. Eu acho às vezes impossível, porque um pouquinho, nem que seja um pouquinho, a gente sofre. (...) Mas é o tempo mesmo de sofrimento, é a



importância que você dá para determinadas coisas. Então é assim, a vida vai dando oportunidade de demonstrar “poxa, você estuda tanto, fala tanto e tal. Então vamos pôr uma prova, vamos passar agora um pouquinho para ver se você realmente fixou aquilo.” Às vezes a gente capenga mas vai [risos]. Não desiste.

Nessa reflexão, vemos que Shirley, ao reconhecer que a duração do sofrimento depende do posicionamento da pessoa, do modo como ela *vai passar*, explicita valores a serem cuidados: *o tempo mesmo de sofrimento, a importância que a pessoa dá para determinadas coisas*. Portanto, para ela, a dinâmica própria da vida convida à fixação da compreensão, à elaboração da experiência. Sofrer, *nem que seja um pouquinho; ficar capenga, às vezes*. Mas o foco da questão não é eliminar por completo o sofrimento ou nunca mais capengar. O ponto é que o fato de não desistir, de continuar persistindo, é que faz a pessoa ir, caminhar.

O caminhar da gente é assim, é altos e baixos. Ninguém está aqui só para colher os louros. Está todo mundo aqui para passar por uns pedacinhos. Mas tudo é passageiro. Você tem que ter muita paciência, prudência, e ter a certeza de que a nossa caminhada aqui é evolutiva. A evolução não dá saltos. Tudo é no seu tempo.

Do seu *caminhar*, isto é, da elaboração sobre seu modo de responder ao amparo concedido pela Espiritualidade, Shirley passa a discorrer sobre o *caminhar da gente*, de todas as pessoas. Retomando a sua história, ela colhe a *certeza de que a nossa caminhada aqui é evolutiva* porque é capaz de apreender para quê *todo mundo* está aqui e que *tudo é passageiro*, no sentido de que as pessoas passam pelas coisas e de que as coisas mesmas passam. Isso significa que, partindo da sua experiência circunscrita de responder às oportunidades que lhe são dadas pela Espiritualidade, ela amplia horizontes de compreensão sobre o que é a vida, uma *evolução que não dá saltos*, e sobre como todos precisam se posicionar diante dela, com *muita paciência e prudência*.

Retomemos agora o percurso que nos permite apreender o modo como Shirley se posiciona ante a proposta da Espiritualidade, ante a tarefa de Evangelização e, por que não, ante a própria vida. Vimos que ela reconhece na Espiritualidade uma companhia segura, para a qual ela se mostra por inteiro e não tem vergonha de pedir, vivendo assim uma experiência de intimidade e de compartilhamento da vida. Com a certeza desse relacionamento, ela pode vivenciar situações dramáticas em que suas reações frágeis são acompanhadas pela possibilidade de reconhecer intervenções que a tranquilizam. Só então ela é capaz de ir além do desespero e de pedir à Espiritualidade que lhe dê a possibilidade de se posicionar naquela situação de sofrimento em prol de uma renovação da vida. E, ao se empenhar para aproveitar essas oportunidades, Shirley reflete e toma nas mãos suas experiências, apreendendo critérios de orientação que ampliam sua compreensão da vida. Trata-se de uma compreensão que mobiliza responsabilidade com o próprio processo de crescimento pessoal, que a realiza enquanto pessoa e que desperta gratidão:



Aqui, eu só tenho alegrias, só tenho que agradecer mesmo as bênçãos de Deus por ter me dado essa chance, essa oportunidade de trabalhar. Agradeço sempre a Espiritualidade, (...) por terem confiado no meu trabalho, na minha postura aqui dentro. É um trabalho que eu levo com muita seriedade. Isso aqui eu faço como meu trabalho, onde eu não tenho o salário em espécie, mas a gente sabe dos bônus! Então, para mim, trabalhar neste departamento aqui, meu filho, é uma bênção. Eu me considero uma pessoa privilegiada pela Casa ter me concedido essa oportunidade de trabalho, porque a grandeza desse departamento aqui é uma coisa imensurável. Não tem como medir o trabalho que é desenvolvido aqui com essas crianças. Porque eu sempre penso assim: "poxa vida, eu estou tendo a oportunidade de trabalhar num departamento onde a gente está trabalhando a nova geração com valores, com posturas, com exemplos do Cristo." Então assim, para mim, foi uma dádiva divina ter sido me dada essa oportunidade de estar aqui servindo essa Casa nesse departamento.

Admirando-se com a *grandeza* do departamento de Evangelização, reconhecendo a *oportunidade* que lhe foi concedida de participar e de crescer interiormente nesta tarefa e conscientizando-se da confiança que lhe foi depositada e dos *bônus* recebidos, Shirley só tem a *agradecer mesmo às bênçãos de Deus* e à *Espiritualidade*. Doando-se na tarefa, ela se percebe como beneficiada e é grata por isso. A oportunidade de trabalhar voluntariamente na Evangelização é vivida por Shirley como uma *dádiva* que lhe foi dada por alguém, e por isso a gratidão por quem permitiu e possibilitou que isso acontecesse, e a realização de si, cheia de *alegria*, por poder agradecer e desfrutar desta *bênção* recebida.

4. Discussão dos resultados: a ação voluntária como abertura ao relacionamento com presenças transcendentess³

Os relacionamentos se mostram centrais na experiência de voluntariado dos sujeitos que encontramos e, dentre esses relacionamentos, um se destaca como especial. Olívia, Telma, Márcia e Shirley, todas elas reconhecem que são acompanhadas e sustentadas pela Espiritualidade, isto é, por presenças transcendentess que atuam de modo providencial sobre a realidade. Atribuindo tais intervenções a entidades individualizadas e benfeitoras, os sujeitos buscam constituir relacionamentos pessoais com essas entidades percebidas como companhias. Nos depoimentos, eles fazem referência a Deus, a Jesus e à Espiritualidade, sendo esta última a interlocutora mais constante.

Aprendemos nesse movimento a configuração de relacionamentos de fé, nos quais os sujeitos constroem o diálogo por meio da oração e do pedido e reconhecem mudanças no curso dos acontecimentos como respostas que lhes são dadas. Respostas que podem não atender exatamente ao que foi solicitado, mas sempre se constituem como intervenção benéfica, que a pessoa reconhece como correspondente por orientar-se em favor do critério que fundamenta o pedido. E, tendo a certeza de serem beneficiados pelas presenças

³ Termo cunhado para designar o reconhecimento, na experiência, de entidade(s) que transcende(m) o plano material, mas que não deixa(m) de ser vivida como presença, companhia, numa relação de proximidade.



transcendentes que operam transformando o mundo, os sujeitos também se vêem solicitados a agir, a dar a sua resposta como contribuição à obra dos benfeitores.

Comprometendo-se com essa obra que os ultrapassa por meio de sua ação voluntária, os sujeitos apreendem que os resultados de sua ação são potencializados pela intervenção superior e reconhecem que conseguem persistir na tarefa porque são fortalecidos. Sentindo-se gratos pelas oportunidades que lhes são dadas, eles se realizam nesse processo por se perceberem amparados e por vislumbrarem que estão progredindo no caminho que mais corresponde a eles mesmos e ao ideal que carregam.

Vimos a partir das elaborações de Giussani (2009) tanto a importância do senso religioso como dimensão humana que fundamenta a estrutura da experiência religiosa, quanto a importância de apreender a expressão do eu em ação.

A explicitação desse dinamismo permite-nos afirmar com maior segurança como a experiência religiosa articula-se à ação voluntária no contexto sociocultural da *Casa Espírita*. Compreendemos que a experiência religiosa é vivida intensamente pelos sujeitos, chegando a ordenar sua apreensão da realidade e a fundamentar e direcionar sua ação voluntária. A percepção do caráter providencial da realidade os realiza como pessoa, mobilizando-os a buscar contribuir, com a totalidade da sua pessoa, para a concretização de um bem que supera seus interesses imediatos. E esse bem que os ultrapassa também os abraça: eles se sentem pertencentes a um horizonte totalizante, um horizonte cuja amplitude lhes permite dar a sua contribuição sem se prenderem aos resultados concretos do seu gesto. Um horizonte, portanto, que os convida a ampliar o olhar sobre a ação e sobre o que ela indica, convida-os a se perguntarem sobre o sentido da realidade e sobre o modo como têm se orientado nela.

Em síntese, a compreensão de como Olívia, Telma, Márcia e Shirley elaboram sua experiência permite-nos afirmar como, no contexto sociocultural da *Casa Espírita*, a inter-relação entre voluntariado e religiosidade constitui-se por duas vias: (1) a ação voluntária é vivida como abertura para a experiência religiosa, pois, doando-se ao outro em gestos concretos, os sujeitos reconhecem que sua ação é sustentada por presenças transcendentes e direcionada à afirmação de um horizonte absoluto; (2) a vivência da religiosidade ordena o modo da pessoa compreender a realidade, fundamentando e direcionando sua ação, reconhecida como dever e como correspondente a si.

5. Conclusão

Essa pesquisa nasceu da provocação de experiências que nos solicitaram a adentrar o universo do voluntariado em sua relação com a experiência religiosa. Assim impactados e mobilizados com os resultados apreendidos, nos perguntamos: o que colhemos de essencial dessa experiência?



Identificamos evidências de como a religiosidade aparece concretamente no modo como os sujeitos trabalham voluntariamente. Não de modo setorizado, pois reconhecemos o movimento de pessoas que, doando de si ao outro, expressam-se inteiramente. Doação vivida como realização correspondente ao centro da pessoa, doação capaz de contemplar horizontes mais amplos do que a concretude do gesto mesmo. Portanto, essa ação voluntária sustenta e é sustentada por uma obra da qual cada um participa de modo próprio. Obra que é maior também porque se abre para a experiência religiosa, situando-a num horizonte de totalidade. Nesse sentido, o gesto voluntário de cada sujeito é concretização do relacionamento com a transcendência, em que a doação de si ao outro é doação de si a um Outro. Além disso, trata-se de um gesto que, abrindo-se para tudo aquilo que o mobiliza, é vivido como profundamente realizador da pessoa. Tal realização mostrou-se então como fator estruturante da inter-relação profunda entre experiência religiosa e voluntariado.

Portanto, ficamos, por um lado, com a certeza quanto à potência da experiência religiosa de impulsionar à ação, de estruturar o modo como o gesto é realizado e o modo como a pessoa se realiza nesse gesto; e por outro, com a capacidade da ação voluntária de abrir horizontes de compreensão, realização e de vivência profunda da própria religiosidade.

Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonese, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1997).
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Org. e Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 2004).
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia*, 13(1), 5-10.
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2a ed.). Campinas, SP: Alínea.
- Cavalcanti, M. L. V. C. (1983). *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gaspar, Y. E. (2010). *Ser voluntário, ser realizado: investigação fenomenológica numa instituição espírita*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Gaspar, Y. E. & Mahfoud, M. (2009). Pessoa em ação: um percurso a partir das elaborações de Stein e Wojtyła. *Memorandum*, 17, 60-73. Retirado em 13 de dezembro, 2010, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a17/gasmah01>



- Giumbelli, E. (1998). Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. Em L. Landim (Org.). *Ações em sociedade: militância, caridade, assistência etc* (pp. 123-172). Rio de Janeiro: NAU.
- Giussani, L. (2009). *O senso religioso* (P. A. E. Oliveira, Trad.). Brasília: Universa. (Publicação original de 1986).
- Husserl, E. (2006a). *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (M. Suzuki, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras. (Publicação original póstuma de 1952).
- Husserl, E. (2006b). Renovação como problema ético-individual. Em E. Husserl. *Europa: crise e renovação* (pp.39-62). (P. M. S. Alves & C. A. Morujão, Trad.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Publicação original de 1924).
- Husserl, E. (2008). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica* (D. F. Ferrer, Trad.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Publicação original póstuma de 1954).
- Mahfoud, M. (2001). Necessidade, desejo e exigências: cultura como âmbito da experiência. Em G. J. Paiva (Org.). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião* (pp. 79-90). São Paulo: Loyola.
- Mahfoud, M. (2003). *Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2012). *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa; Belo Horizonte: Artesã.
- Sampaio, J. R. (Org.). (2009). *Pesquisas sobre o Espiritismo no Brasil: textos selecionados*. São Paulo: CCPDE-ECM.
- Stoll, S. J. (2003). *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: EDUSP.
- Stein, E. (2003). Estructura de la persona humana. Em E. Stein. *Obras completas, v.IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 555-749). (F. J. Sancho e col., Trad.). Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1932-33).
- Stein, E. (2005). Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. Em E. Stein. *Obras completas, v.II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)* (pp. 207-520). (F. J. Sancho e col., Trad.). Burgos, Espanha: Monte Carmelo. (Publicação original de 1922).
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado: história oral* (3a ed.). (L. L. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Publicação original de 1978).
- van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión* (E. de la Pena, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Publicação original de 1933).



Wagner, H. R. (Ed.). (1979). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz* (A. Melin, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Publicação original de 1970).

Wojtyla, K. (1982). *Persona e acción* (J. F. Zulaica, Trad.). Madrid: Biblioteca de autores cristianos. (Original publicado em 1980).

Zilles, U. (1996). A fenomenologia husserliana como método radical. Em E. Husserl. *A crise da humanidade européia e a filosofia* (pp. 11-55). Porto Alegre: Edipucrs.

Notas sobre os autores

Yuri Elias Gaspar é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: yurieliasgaspar@yahoo.com.br

Miguel Mahfoud é doutor em Psicologia Social, professor associado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Suas pesquisas referem-se às áreas de memória, cultura e subjetividade. E-mail: mmahfoud@fafich.ufmg.br

Data de recebimento: 13/06/2012

Data de aceite: 06/09/2012